

Reflexões e considerações finais

Neste capítulo, retomo o tema, os objetivos propostos no trabalho e procuro responder às perguntas investigativas do estudo. Após discutir os resultados, teço considerações acerca das contribuições do trabalho no âmbito de estudos de natureza interacional e sócio-cultural, voltados para a análise de ordem micro e macro do discurso (Ribeiro e Pereira, [2002] 2004; 2008).

A análise focalizou a linguagem das relações, a partir do princípio da posicionalidade de Bucholtz e Hall (2005), em uma concepção analítica de identidade como “fenômeno relacional e sócio-cultural, que emerge e circula em contextos discursivos de interação”, em “um posicionamento social do ‘eu’ e do outro” (p. 585-86).

As indagações foram formuladas em relação às posições identitárias que os alunos mostraram na entrevista de pesquisa no que diz respeito à goianidade, bem como sobre as razões sócio-culturais e históricas da estigmatização dessa goianidade. Dentro da temática abordada, houve, nas entrevistas, posições de resistência, de negação, de silenciamento, de mudança e agência nas construções identitárias sócio-culturais da goianidade.

Destacamos, em um primeiro momento, que os participantes da pesquisa assumiram posições identitárias diferenciadas relacionadas à goianidade, principalmente, entre as entrevistas com Sílvia e Vitória, e Ana e Júnior

Sílvia e Vitória construíram, na interação, enquadres de resistência, e de negação à comunidade goiana. Sílvia trouxe posições e avaliações negativas de pertencimento à goianidade e de silenciamento/ omissão da territorialidade. Vitória assumiu posições identitárias de constrangimento e de vergonha em se auto-representar como goiana, ratificando o preconceito e o estigma.

Emergiram, ainda, nas respostas de Sílvia e Vitória, representações sociais estereotipadas da goianidade. A auto-identidade das entrevistadas é influenciada pela representação do goiano por elas articuladas. Nos dizeres de Goffman (1988:14), ‘o desacreditado’ sente-se mal com a maneira diferente, e às vezes ruim, em função da forma pela qual a sociedade o trata. Ambas justificam suas

posições pela discriminação na voz de outros de dentro e fora, de outra territorialidade, e por suas origens familiares em outras comunidades. São relações de ordem macro, da ordem sócio-cultural e histórica, trazidas ao discurso (Ribeiro e Pereira, [2002]2004, 2008), com construtos acerca da figura do roceiro e do caipira, que teriam contribuído para a categorização e representação do goiano do entorno de Brasília.

No que tange às posições identitárias assumidas por mim, no papel de entrevistadora, com Sílvia e Vitória, adotei posturas questionadoras/ inquisidoras, de busca de razões de justificativas por não se assumirem cidadãs goianas. Em momento algum, alinhei-me aos posicionamentos de resistência, silenciamento e exclusão, apresentados pelas duas entrevistadas, pelo contrário, tentei, por vezes, o que pôde ser observado na análise das minhas construções lingüísticas, nos argumentos utilizados e no redirecionamento de tópicos, reverter a situação e fazer com que Sílvia e Vitória se alinhassem a mim, fato que não ocorreu.

No que diz respeito às posições identitárias assumidas por Ana e Júnior, as interações revelaram que há semelhanças entre algumas posturas adotadas pelas entrevistadas Sílvia e Vitória, em relação às representações estigmatizadas da goianidade, através da voz do outro, emergentes em suas falas, entretanto, as posições de Júnior e Ana são diferentes daquelas assumidas pelas duas outras participantes da entrevista, visto que não negaram seu pertencimento à comunidade goiana.

Ana apresentou, inicialmente, posições de silenciamento, não em decorrência de não se aceitar como goiana, porém para evitar a crítica do ‘outro’ que a discriminava. O enquadre que Ana tenta estabelecer é de crítica à discriminação social da goianidade. É importante destacar que as situações trazidas ao discurso envolvem um outro que é parte da própria comunidade goiana. Ana aponta que são os próprios goianos, no âmbito coletivo, que estão em contradição em relação ao preconceito da goianidade.

Júnior traz também a estigmatização da goianidade em seus relatos, sentindo-se menosprezado, estigmatizado e constrangido pelo ‘outro’, durante as interações, mas ratificou o seu pertencimento à goianidade. É interessante observar que o entrevistado revela mudanças identitárias de ordem lingüística da goianidade, e se mostra constrangido por tais mudanças. Júnior, embora se

coloque parcialmente como um ‘desacreditado’, que, segundo Goffman (1988:14), assume o conflito que o estigma provoca e posições de denúncia e de indignação em relação ao preconceito. Seu enquadre é de reflexão e de tomada de consciência em relação ao estigma da goianidade.

Ana e Júnior trazem também os enquadres de agência e de mudança quanto ao estigma da goianidade. Júnior, em suas respostas à entrevistadora, na animação de vozes dos outros e de sua própria voz, mostra-se agentivo nas ações com os outros. Ana, em sua própria voz, assume um alinhamento reflexivo, em um enquadre de mudança e de resistência ao estigma, afirmando que as mudanças devem ser internas. Suas formas de agência abrangem os contextos da família e da escola. A entrevistada indica que o papel fundamental é do próprio goiano em relação a si mesmo como também o dos professores na conscientização das pessoas.

É importante salientar que, com Ana e Júnior, adotei posturas diferenciadas daquelas adotadas na interação com Sílvia e Vitória. Com ambos, assumo o enquadre exploratório, com perguntas não tão diretas, acerca da goianidade. Nos enquadres estabelecidos por mim, com os dois entrevistados, deixei também inclusas avaliações de resistência e de indignação à estigmatização do goiano. Ana e Júnior, no entanto, assumiram mais o domínio do turno, em uma relação mais simétrica na interação.

Houve diferenciações nas interações com os entrevistados, em suas posições e enquadres de assumir pertencimento/ não pertencimento à goianidade, de reflexão sobre mudanças e agência em relação ao estigma. Embora meu foco se dê no âmbito do discurso, nas ordens micro e macro, observo que há diferenciações de idade, escolaridade e de origens familiares dos entrevistados. Vitória e Sílvia são mais jovens, estão na finalização do ensino fundamental, e têm suas origens em famílias de outras territorialidades, que se mudaram para o entorno de Brasília. Júnior e Ana já se encontram na faculdade, concluída ou em curso, nasceram no interior de Goiás, também moram atualmente no entorno de Brasília e pertencem a famílias goianas. Talvez fatores em relação a essas diferenciações estejam interferindo nas posições e enquadres estabelecidos pelos entrevistados.

No entanto, somente um estudo posterior, com outros entrevistados, poderá apontar resultados mais conclusivos sobre esses fatores de interferência. Como vimos, na interação com Ana, ela aponta que a necessidade de mudanças em relação à própria comunidade goiana, que não assume o estigma. Nos dizeres de Goffman (1988: 14), o desacreditável tende a omitir o motivo de seu estigma até quando puder.

Em suma, observar, estudar e analisar as identidades emergentes, durante o discurso interacional, proporcionou uma visão mais reflexiva sobre os tipos de ideologias que projetamos nas entrevistas de pesquisa, em suas relações de ordem micro e macro. Ao lançarmos nosso olhar sobre as interações, ao refletirmos sobre as ações realizadas pelos participantes, sobre as posturas e condutas assumidas por cada um deles, seus alinhamentos, seus enquadres, vimos como é primordial a construção de um pensamento mais reflexivo acerca das identidades que, cotidianamente, são estigmatizadas, e as quais não se resumem apenas à comunidade goiana, que se mostra heterogênea em sua constituição. Há diferentes construções identitárias nesta comunidade. É difícil falarmos em uma comunidade goiana em si mesma, face às suas diferenciações.

Acredito que o estudo trouxe relevante contribuição no que tange à forma como se constroem as identidades estigmatizadas ou não, apontando novas perspectivas, tanto de mudanças de postura por parte de quem estigmatiza como por parte de quem é estigmatizado.

Para obter maior validação quanto à análise e aos resultados obtidos aqui, há necessidade de outras pesquisas voltadas para este tema. Com certeza, este trabalho servirá de suporte para aqueles que desejarem dar continuidade aos estudos sobre o estigma da goianidade.